



- 1.**
Luís Ramos
Spooning, 2021
Fibra de carbono
[Carbon fiber]
22 x 5 x 3 cm
- 2.**
Salomé Lamas
Dream World, 2018
3 Fotografias, impressão inkjet fine art papel archival baryta 315gr
[3 photographs, inkjet print in fine art archival Baryta paper 315gr.]
56 x 76 cm
- 3.**
Catarina Real
Desenho Desatento #1 - #10, 2020
Lápis de cor e marcador sobre papel
[Crayons and marker on paper]
44 x 35,5 cm
- 4.**
Sérgio Fernandes
To an unknown God, 2019
Óleo sobre linho
[Oil on linen]
200 x 150 cm
- 5.**
Samuel Silva
Escuto o calcanhar do pássaro, 2021
Madeiras encontradas na praia, fragmentos de cerâmica, mel, poema de Daniel Faria
[Found wood from the beach, ceramic fragments, honey, poem by Daniel Faria]
Dimensões Variáveis [Variable Dimensions]
- 6.**
Valter Ventura
Snapshot, 2016
12 fotografias impressas sobre papel EPSON Hot Press Brigh White (300gr.)
[12 inkjet prints on EPSON Hot Press Brigh White (300gr.) paper]
3 + 1 P.A.
33 x 28 cm
- 7.**
Pedro Tudela
You Must be Glass, 2008
Dois vidros acrílicos, dois altifalantes, cantoneiras metálicas, ganchos metálicos, roldana metálica, cabo de aço, parafusos e porcas, plástico, cabo áudio, faixa áudio stereo (CD e/ou WAV)
[Two acrylic glasses, two speakers, metallic angle brackets, metallic hooks, metallic pulley, steel cable, screws, plastic, audio cable, audio stereo track (CD and / or WAV)]
250 x 130 cm
- 8.**
Luís Ramos
Fétiche, 2021
Impressão por impacto em papel hectográfico
[Impact print on hectographic paper]
250 x 110 cm

UTEROPIAS
CATARINA REAL
LUÍS RAMOS
PEDRO TUDELA
SALOMÉ LAMAS
SAMUEL SILVA
SÉRGIO FERNANDES
VALTER VENTURA

15.04.2021 - 05.06.2021

INICIATIVA [INITIATIVE]

SITUAÇÃO 21: Histórias com amanhã -
uma cartografia solidária da relevância
das galerias do Porto

COMISSÁRIO [CURATED BY]

Miguel Von Hafe Pérez

APOIO [SUPPORT]

Câmara Municipal do Porto

KUBIKGALLERY

info@kubikgallery.com
www.facebook.com/kubikgallery
www.instagram.com/kubikgallery
www.twitter.com/kubikgallery

kubikgallery.com

Para mais informações por favor contactar [For further information please contact]

info@kubikgallery.com
www.kubikgallery.com

KUBIKGALLERY

Referências

CURADORIA:

SAMUEL SILVA

Radicalidades de superfície

Uteropias procura pensar as raízes não apenas como fonte arquetípica de um passado uterino mas como afloramentos no presente – quais trepadeiras dançantes! – que produzem perturbações no solo em que caminhamos, tendo a utopia no horizonte.

Esta exposição resulta de um processo iniciado num workshop, orientado por mim, onde participaram a equipa da galeria Kubik – Marta Rodrigues, Rita Castro e João Azinheiro – mais dois artistas convidados: Catarina Real e Luís Ramos. Este encontro colaborativo teve como principal escopo posicionar o grupo de trabalho em torno da tarefa, tão complexa quanto íntima, de representar através de uma linguagem plástica recordações remotas e significantes. Como desfecho dessa situação experimental surgiu no chão da galeria um lastro de aparições realizadas sob fragmentos de coisas insignificantes e precárias com um profundíssimo valor simbólico. A partir deste desenho iniciático geraram-se delicadas decisões de escolha individual sobre obras específicas de artistas representados no acervo da galeria que de uma forma secreta - porventura que a razão desconhece - se religavam com essa matéria sensível advinda dos mecanismos de recordação. O workshop despoletou ainda dois novos processos de criação - *“Fétiche”* e *Spooning* de Luís Ramos e a minha instalação *Escuto o calcanhar do pássaro*, assim como a selecção de um projecto iniciado em Março de 2020 por Catarina Real intitulado *Desenhos Desatentos*. Estes trabalhos são agora apresentados enquanto “coexistências afectivas” com os trabalhos seleccionados do acervo. O início da exposição é um buraco negro. O olhar entra na exposição diretamente para um abismo escuro, uma atmosfera pictórica sombria de Sérgio Fernandes. *To an unknown God* captura a nossa visão para instalar o olhar naquele que olha sem ainda perceber, nomear ou articular com a linguagem. E se se der uma segunda oportunidade, não apenas à imagem, nem sequer ao olhar, mas à própria visibilidade, resgatamos pequenas percepções de luz dentro deste infinitamente escuro. A sensação de uma mancha de luz irrompe do breu como subtis *fosfenos* que aparecem no campo de visão quando esfregamos as pálpebras.

Se a impercetível poeira de luz de Sérgio Fernandes se revela lentamente no nosso olhar parado, os *Desenhos Desatentos* de Catarina Real trazem-nos uma outra dimensão da visão. Atenção, não são desenhos distraídos, mas desatentos! Não se trata de uma flutuação livre, descomprometida do olhar, mas uma concentração ainda mais intensa: é um olhar que procura entrar dentro de outro olhar para construir uma coreografia em tempo real de gestos e cores. Estas composições, realizadas durante o primeiro confinamento motivado pela pandemia atual, surgem no papel a partir de uma visão atenta não à ação em si mas ao que a produz: séries de televisão iminentemente violentas, irascíveis, dramáticas. Serão fugas? Catarse? Renovação?

Dream World de Salomé Lamas encerra este núcleo inicial dedicado à visibilidade, isso que Merleau-Ponty dizia ser o único enigma que a visão celebra. O tríptico da cineasta portuguesa é um conjunto de fotogramas retirados das filmagens de “Extinção” (2018), rodado em 2015 na geografia fronteiriça da Moldávia particularmente no enclave de Transnistria. Um filme sobre identidade, fronteiras e utopias de um território indefinido, sem protecção diplomática, controlado pela Rússia que simultaneamente não lhe reconhece a sua independência. Neste conjunto é apresentada uma sequência de fotogramas de uma cena do filme onde se observa um fogo de artifício nocturno lançado no interior de um edifício icónico comunista de arquitectura brutalista contruído em 1981 no topo de uma montanha na Bulgária. A sua construção megalómana serviu para a glorificação de um grupo de socialistas liderados por Dimitar Blagoev que 90 anos antes se reunira naquele lugar para planear o futuro do país. Os retratos de Engels, Marx e Lenine soleneamente instalados nas paredes do anfiteatro são revelados precariamente pelo clarão de cada explosivo. No filme, momentos antes desta situação desconcertante, um personagem diz: *“The history of the URSS is like a train in motion. First*

there was Lenin and the train was speeding into a luminous future”. O que resta dessa luz utópica sossobra nas ruínas monumentais de Buzludzha e vai sendo revelada ao nosso olhar através dos fugachos periclitantes e irónicos do fogo de artifício de Lamas.

É também a luz que traz à condição do visível os desenhos que Luís Ramos apresenta no Kubikulo intitulados “Fétiche”. Uma apropriação de desenhos coreográficos de Steve Paxton, um dos mais influentes bailarinos e coreógrafos contemporâneos. Ramos tem vindo a interessar-se pelo trabalho de Paxton sobretudo pela sua famigerada técnica contacto-improvisão. Os desenhos de luz impressos em papel químico através de uma impressora de contacto representam simplificações de gestos de bailarinos, objetificando o corpo. Esta peça dupla dialoga com *Spooning* (em tradução livre – “dormir em concha”), duas colheres em carbono são colocadas no chão ductilmente uma sobre a outra, transformando este encontro numa espécie de personificação dos objetos. A materialização das colheres em carbono injeta um sentido paradoxal: associarmos a ideia de high-performance a dois objetos desativados em repouso no chão.

Spooning de Luís Ramos inaugura ao mesmo tempo uma segunda linha de afinidades na exposição que designaríamos de contacto/impacto. Um conjunto de trabalhos que especulam em torno da ideia de energia das matérias ou ações delicadas ou impactantes sobre estas. A escultura sonora *You must be glass* de Pedro Tudela convoca-nos para um equilíbrio instável, um rebatimento de dois elementos acrílicos em tensão onde se pregam dois altifalantes que projetam no espaço expositivo uma atmosfera sonora misteriosa revelando-se lentamente (tal como a pintura de Fernandes ou os fotogramas de Lamas) na parte final da trilha com um estrondo de um vidro a quebrar. Um som repentino que contraria toda a massa homogénea e repetitiva anterior introduzindo de chofre uma certa ideia de violência.

A sonoridade dos estilhaços de vidro coincidem na mesma sala com *Snapshot* de Valter Ventura, uma composição de fotografias, na esteira da fotografia conceptual, onde se observam reconstruções de pratos (*clay pigeons*) depois de abatidos pelo tiro de uma arma. Aqui, Ventura disfarçado de arqueólogo forense relaciona o ato de disparar uma câmara fotográfica com a ação de disparar uma arma de fogo, tal como a etimologia da palavra *snapshot* o confirma. Esta peça propõe ainda um contraste: o lado destruidor da arma de fogo com a dimensão reparadora (reparar + restaurar) da fotografia.

Há ainda uma subtiliza sonora no desenho expositivo de *Uteropias*: à violência das explosões da peça de Tudela juntam-se duas outras inaudíveis pelo menos a uma escuta desatenta: a girândola de fogo de Salomé Lamas e os tiros de Ventura. O inaudível é, por sinal, o grande desafio que a minha instalação propõe através do poema “Explicação da Escuta” do poeta-monge Daniel Faria. No corredor que liga as duas salas da galeria desafiando o visitante a uma experiência espacial que simula um lugar subterrâneo, esconso, obscurecido de onde afloram superficialmente raízes (árvores invertidas?) cujas fendas ou brechas são ocasional e delicadamente ocupadas por fragmentos de cerâmica que se endossam através da perfeita combinação de formas sem nenhum outro material aglutinador que não sejam gestos mínimos, exatos, definitivos. *Escuto o calcanhar do pássaro* é um afloramento, uma perturbação à superfície de um eco/gesto pueril, fundador, matricial.

No desfecho deste texto, recuo à ideia da sua abertura: o potencial transformador das raízes de superfície.

Radical/radicular intitula o extraordinário texto onde Didi-Huberman ensaia a ideia de que não é possível chegar às raízes das coisas, é absurda a intenção de aceder a uma radicalidade autêntica filiada na verdade pura advinda do passado. Prefere, antes, tal como eu, a ideia de um rizoma superficial, aquele que aflorando à nossa frente, nos condiciona os passos modificando radicalmente o nosso caminho.

Porque vou por aqui?

Samuel J. M. Silva

Samuel J. M. Silva

Samuel J. M. Silva

Samuel J. M. Silva